

Menina não entra no jogo: educação para a liberdade e a esperança de quem?

Chicas no entran en el juego: ¿educación para la libertad y esperanza de quién?

Maria Dolores dos Santos Vieira
Universidade Federal do Piauí
Teresina-Brasil

Duana Ravena dos Santos Vieira
Instituto Federal do Maranhão
Carolina-Brasil

Resumo

O estudo relaciona liberdade e esperança ao lugar do feminino nas relações de gênero, a partir da obra “Menina não entra” (Andrade, 2006), em diálogo com os livros “As Andorinhas” (Chiziane, 2019) e “A Árvore” (Saboya, 2011) e com as experiências de mulheres copesquisadoras do Projeto de Extensão “Literacias: gênero e raça na literatura infantil e infanto-juvenil brasileira e estrangeira” desenvolvido de 2019 a 2020 na Universidade Federal do Piauí. A metodologia foi a roda de cultura sociopoética inspirada nos Círculos de Cultura freireanos. Os resultados da experiência apresentaram novos problemas, conceitos-afetos e devires sobre o lugar do feminino que exigem mudança de pensamento. A investigação conclui que são necessários dispositivos de formação humana sobre as relações de gênero na sociedade contemporânea que contribuam para a igualdade de gênero desde a infância.

Palavras-chave: Feminino; Infância; Relações de gênero.

Resumen

El estudio relaciona libertad y esperanza al lugar del femenino en las relaciones de género, con base en la obra “Chica no Entra”, (Andrade, 2006) en diálogo con los libros “Las Golondrinas” (Chiziane, 2019) y “El Árbol” (Saboya, 2011) y con las experiencias de mujeres coinvestigadoras del Proyecto de Extensión “Literacias: género y raza en la literatura infantil e infanto juvenil brasileña y extranjera”, desarrollado de 2019 hasta 2020 en la Universidad Federal del Piauí. La metodología fue un círculo de cultura sociopoética que se inspiró en los círculos de cultura freireanos. Los resultados de la experiencia presentaron nuevos problemas, conceptos-afectos y devenires sobre el lugar del femenino que exigen cambios de pensamiento. La investigación conclui que son necesarios dispositivos de formación humana sobre las relaciones de género en la sociedad contemporánea que contribuyan para la igualdad de género desde la niñez.

Palabras clave: Femenino; Niñez; Relaciones de género.

Menina não entra no jogo: educação para a liberdade e a esperança de quem?

“as águias, como as andorinhas, são filhas da liberdade”.

(Chiziane, 2019, p. 118).

“E um dia, quase por milagre, da semente plantada num tronco à sombra da grande árvore, nasce de manhã cedinho um broto, unzinho só, mas que trouxe para aquela gente uma esperança sem fim”.

(Saboya, 2011, p. 27).

“E chegou o dia do jogo... ganharam de goleada do time do bairro vizinho. Fernanda era demais!”

(Andrade, 2006, p.10).

Convocação para o jogo introdutório

As três epígrafes que abrem este texto são trechos extraídos de livros escritos por mulheres de países lusófonos, que foram colonizados no contexto da expansão europeia. Cada obra representa voz única dentro da literatura de língua portuguesa, refletindo as diversas experiências e perspectivas históricas e culturais desses países. O primeiro, “As Andorinhas”, é de autoria da moçambicana Paulina Chiziane (2019), cujas obras retratam a situação da mulher na sociedade de seu país. O segundo livro, “A Árvore”, é de Yacy Saboya (2011), cearense de nascimento e carioca por escolha. Ela trata de questões sociais com delicadeza e esperança de um futuro melhor, que deve partir de ações amorosas das pessoas com o meio-ambiente. Cuidar do planeta Terra é cuidar da vida das pessoas. O terceiro livro, “Menina não entra”, é de Telma Guimarães Castro Andrade (2006), nascida em Marília, São Paulo, autora de mais de 150 livros infantis, dentre os quais, está esse que nos auxilia no diálogo que desejamos construir. São três mulheres, três modos diferentes de pensar a vida a partir de seus lugares e de seus viveres.

Todas as três narrativas nos instigaram a escrever sobre uma experiência que vivenciamos no Projeto de Extensão “Literacias: gênero e raça na literatura infantil e infanto-juvenil brasileira e estrangeira”, desenvolvido na Universidade Federal do Piauí (UFPI), entre 2019 e 2020. Nesse projeto, utilizamos o livro “Menina não entra”, da autora mais recente, e propusemos entrelaçar suas ideias com as dos outros dois livros. Com essa ação extensionista, estimulamos reflexões sobre o papel da mulher nos diferentes espaços sociais, nas profissões e nas relações de gênero. Exploramos situações, como uma partida de futebol

entre meninos, em que a participação de uma menina ainda é vista como inadequada para o feminino, mesmo no Brasil, conhecido como o país do futebol.

Respaldamo-nos na história das mulheres que se interessam por futebol ou desejam ser jogadoras, para afirmar e firmar que essa atividade foi sempre permeada pela proibição na escola e na família. Moura (2003) colabora com esse diálogo quando menciona as dificuldades das meninas, na educação escolar, especialmente, nas aulas de educação física, em fazer parte do universo do futebol, mesmo quando ele é considerado uma das expressões identitárias da cultura brasileira, mas, inquestionavelmente, destinada aos homens e meninos.

Em pesquisa realizada por Wenetz (2005), acerca do gênero e da sexualidade nas brincadeiras realizadas na escola, principalmente na hora do recreio, a autora afirma que existe polarização das brincadeiras por gênero, reveladas nas falas das crianças, assim como também muitas delas externalizaram o desejo de pertencer ao universo do gênero diferente do seu. Esses fundamentos teóricos contextualizam a reflexão que desejamos realizar e que tem como ponto de partida os atravessamentos dessa experiência que nos chegaram como problemas.

Assim, o que nos levou a escrever este texto foi saber, a partir da história do livro “Menina não Entra” e das experiências do grupo-pesquisador do Projeto Literacias, formado por mulheres, como se dá a entrada do feminino em lugares considerados do universo masculino, como o futebol, o que nos fez problematizar: e se a menina do livro “Menina não entra” não fosse uma boa jogadora de futebol, ela entraria no time? Por que só do feminino é exigida a prova de que é potente naquilo que se propõe a fazer para ter uma chance de pertencer aos espaços considerados do masculino? Por que a entrada dos meninos no time se deu independentemente da comprovação de que eram bons jogadores? Se menina pode ser o que quiser, por que muitas têm que parar de estudar quando engravidam? Uma educação para a liberdade e para a esperança pode ser de fato construída por corpos femininos nos ciclos educativos e sociais em que vivemos? Não garantimos encontrar respostas, mas não duvidamos de que surgirão outros problemas, pois tratar do feminino é uma questão permeada de muitos impedimentos.

A partir dessa convocação introdutória, informamos o objetivo do trabalho: relacionar liberdade e esperança ao lugar do feminino nas relações de gênero, a partir do livro “Menina não Entra”, de Telma Guimarães Castro Andrade (2006), em diálogo com os livros “As

Andorinhas”, de Paulina Chiziane (2019), “A Árvore” de Yacy Saboya (2011), e as experiências das mulheres copesquisadoras do grupo-pesquisador da roda de leitura e criação de metodologias sensíveis “Menina não Entra”.

Aceitar a convocação para jogar o jogo do feminino é importante para que tenhamos o alcance do não poder ser/fazer em detrimento do nosso sexo/gênero, seja na condição de professora pesquisadora e formadora, seja na condição de mulher que não se reconhece na tela da subalternidade. Ou, ainda, por ansiarmos por questionar a reprodução de discursos e práticas cristalizadas e naturalizadas pela cultura patriarcal na escola, na família, em outros grupos sociais aos quais pertencemos e nos quais tecemos relações de gênero, que são, também, relações de poder e, em sua maioria, impositivas da supremacia masculina desde a infância. Como conectar liberdade e esperança quando o feminino não entra no jogo?

Esperamos, mais do que respostas ao jogo de problematizações que nos propomos a jogar no campo dessa escritura: desejamos provocar outras jogadas que se tornem faltas nas opressões, nas invisibilidades e outros impedimentos do viver de meninas /mulheres ao longo de suas vidas. Não se trata de um reconto das histórias lidas, mas sim de explorar as questões que elas suscitaram sobre o jogo que não inclui o feminino.

Contamos com um grupo-pesquisador formado por quatorze mulheres que experimentavam, à época, o lugar do feminino como alunas de cursos de licenciaturas nas universidades, na Defensoria Pública de um município próximo da capital piauiense, Teresina, do Curso de Enfermagem, da Polícia Civil, entre outros. No grupo-pesquisador também havia homens, mas, nessa tessitura, negociamos o direito de fala somente às mulheres e àquelas que desejassem e autorizassem o registro de suas vozes. Pensamos, com esse arranjo consensual entre as mulheres copesquisadoras e os homens copesquisadores, territorializar o lugar do feminino no grupo-pesquisador, sem, no entanto, hierarquizar as relações de gênero, pois, se o masculino nunca necessitou de autorização para falar, dessa vez ele deveria escutar o feminino, permitir-se incomodar com os relatos e se colocar diante do espelho que reflete as mulheres com imagens desfocadas de si.

O jogo já começou, a bola das relações de gênero é tocada no campo teórico

Supomos que, em Chiziane, o feminino é a liberdade de ser andorinhas; e que, em Saboya, é a resistência de ser árvore-juazeiro. Dizemos, metaforicamente, e, considerando o vivido na roda, que o feminino em Chiziane joga pela liberdade do ser feminino de diferentes

formas, é o que faz as jogadas para o feminino viver feliz. É o feminino que voa e pousa onde deseja, escolhe onde faz seu ninho e canta alegre e triste o seu viver nos ares do mundo. Empregamos essa analogia, porque o feminino andorinhas é corajoso, alça voos, usa a cloaca para fertilizar o ser feminino no mundo, mesmo quando a terra na qual semeia é estéril. Ele adivinha chuva, fartura, ventos que trazem a liberdade de viver de outros modos, diferentes daqueles que minam, tolhem, encolhem e matam as meninas e as mulheres.

Por sua vez, o feminino árvore-juazeiro traz a esperança de um lugar que acolhe e alimenta o feminino do jeito que ele é na pessoa, por isso, resiste. É lugar de descanso, de parada e fortalecimento do feminino quando falta o que beber e comer pela privação da liberdade. É resistência e existência para além da estiagem das relações de gênero desiguais e opressoras que o feminino vive desde a infância.

Em sua potência arbórea, o feminino árvore-juazeiro enfrenta as intempéries da invisibilidade, da solidão e da sobrecarga de ser o que cuida, alimenta. Para fraturar essas certezas existenciais, interrogamos: o feminino árvore-juazeiro educa para a esperança de quem? Ele é o feminino que acolhe em sua sombra, mas está desabrigado de si, não se reconhece árvore na biologia que lhe define assim, não cabe na descrição da ciência, não se sente apenas galhos, folhas, frutos. Não é apenas tronco, é mais raízes e elas contam a sua história, e nelas a liberdade e a esperança nem sempre foram/são caminhos da mudança, elas não traduzem em seus deslocamentos a transformação do discurso e das ações de inclusão do feminino no mundo.

Percebemos que há muitas faltas, cartões amarelos e vermelhos dados ao feminino, que negam a sua existência e a sua resistência. Para existir, o feminino, muitas vezes, desloca-se em bifurcações que alteram os percursos de exclusão e as meninas entram no jogo de futebol de um time de meninos e jogam e fazem gols como ocorre no livro que circulou na roda.

Figura 1: Capa do livro



Fonte: Arquivos do projeto.

Após a experiência da roda com o tema-gerador “o lugar do feminino nas relações de gênero”, começamos a ler os dois outros livros e a refletir sobre a educação para a liberdade e a esperança. E, diante do contexto que vivenciamos com as mulheres copesquisadoras do “Literacias”, como temos nos referido ao projeto, questionamos: para quem, de fato, seria a educação para a liberdade e para a esperança?

Compreendemos que é imprescindível, antes, que externalizemos qual apropriação fazemos do conceito de educação para a liberdade e, pontuamos, que compartilhamos do pensamento de Freire (2003), quando nos rende à reflexão de que a educação para a liberdade é aquela que salva a pessoa em si mesma, que possibilita que ela seja em si o que ela é, que se invente na ação transgressora de assumir-se para ela e para o mundo.

Somamos a essa apropriação conceitual nascente em contexto de formação humana, o pensamento de educação transgressora, de bell hooks (2013), por percebermos conexões entre Freire e a autora, pois entendemos que a educação transgressora é aquela que acolhe o outro em sua inteireza humana e contribui para ele viver o mundo e no mundo com a sua

humanidade. Não se trata da manutenção do aprendido, ao contrário, do que não é desejado aprender, porque essa aprendizagem imposta aprisiona e nega quem é e deseja ser.

O jogo de desigualar exige táticas do entendimento do conceito de gênero para, assim, se aproximar do time adversário e tentar desmontar o ataque das desigualdades. A autora Joan Scott (1995) sugere a compreensão do gênero como uma categoria analítica que surge das práticas feministas, o que implica dizer que, também, contribui para as práticas feministas e se transmuta com elas. A partir de Scott, entendemos gênero como a forma que dita a constituição de relações sociais de poder e de dominação, que se faz nas/das diferenças entre os sexos.

Nessa perspectiva conceitual, gênero é, pois, a construção social, histórica e cultural que é erigida a partir das diferenças que são percebidas entre os sexos e que se refere aos aspectos biológicos. Discordamos desse pensamento, pois mesmo que a mulher nasça com uma vagina e o homem nasça com um pênis, essas características fisiológicas dizem muito pouco sobre quem e como será a pessoa em suas subjetividades. Além disso, trata-se de uma construção que separa e diferencia a feminilidade da masculinidade com o crivo hierárquico dessa diferença, o que faz as desigualdades entre os gêneros. Por essa ótica, o gênero é uma relação social de poder e de dominação, que tanto privilegia quanto prejudica a mulheres e homens, meninas e meninos.

Nesses termos, a relação de gênero é de poder e de dominação constituída na/da realidade social, e mirá-la do ponto de vista relacional é imprescindível para percebemos o que é negado ao feminino e ao masculino, desde a infância, a ponto de comprometer a convivência respeitosa entre os gêneros. São as atribuições dos papéis sociais de cada gênero que, ao definir o que um pode e o outro não pode, altera os modos de ser e de viver das pessoas. O agir instituído de cada gênero cimenta as desigualdades que aniquilam de diferentes modos tanto um quanto o outro.

Butler (2021) propõe que gênero é uma performance reiterada, construída e reforçada por normas sociais que se tornam naturalizadas. Essa abordagem evidencia que a exclusão das meninas do futebol não é apenas uma regra explícita, mas o resultado de repetições culturais que moldam corpos e comportamentos de acordo com expectativas binárias sustentadas por uma constante encenação de papéis que reforçam a masculinidade.

Meninas e meninos são educados desde a mais tenra idade, na família e na escola, para cumprirem esses papéis e quem não os cumpre está no desvio, e um corpo desviante é

excluído. Aos meninos é exigido que mostrem que são eles que mandam, inclusive, nas meninas. Dessa forma, o comportamento esperado dos meninos/homens é que sejam fortes ou insensíveis, que segurem o choro, que disfarcem a dor que sentem; e das mulheres que sejam cuidadosas, se casem, tenham filhos, cuidem da casa, do marido, sejam delicadas, andem sempre arrumadas, cheirosas e sejam doces e submissas. Essas normas sociais ideológicas, legitimam essas relações de dominação, que destroçam a identidade subjetiva de homens/meninos e mulheres/meninas (Louro, 2019).

O gênero não se constrói nas biologias, mas nas subjetividades do que é humano. É importante que nos interroguemos como se produziram essas diferenças e que efeitos elas têm sobre as pessoas (Louro, 2014), principalmente se somos educadoras e educadores, se estamos na escola dispondo os nossos discursos como saberes a serem aprendidos. Freire (2021) complementa essa discussão quando nos faz recordar quem somos e o nosso papel social e político, pois não apenas os conteúdos, mas as formas como são abordados revelam a nossa posição em relação sobre o que lutamos. A fala é política, é com ela que comunicamos o nosso pensamento sobre o mundo.

Foucault (1996) propõe que os discursos não refletem passivamente o mundo, mas o constituem, pois definem os objetos de que falam e estabelecem quais formas de saber são legítimas. Ele também diferencia o discurso da língua: enquanto a língua é o sistema formal (gramática, vocabulário), o discurso é um conjunto histórico de práticas que usam a língua para produzir sentidos e verdades possíveis. É nessa perspectiva que nos apropriamos do discurso.

Jogo entre os gêneros: quais são as táticas metodológicas?

A partir do uso da metodologia da roda de leitura e criação de metodologias sensíveis inspiradas na Sociopoética (Adad, 2014; Petit, 2014, Gauthier, 2012) e nos círculos de cultura sociopoéticos (Costa; Adad, 2019), dispositivo híbrido criado na interface entre o círculo de cultura freireano e a Sociopoética, bem como em outras possibilidades imagéticas, fizemos uma viagem imaginária ao lugar do feminino nas relações de gênero. Segue o roteiro da viagem.

Figura 2: Viagem Imaginária ao lugar do Feminino

Nesse momento, você é uma andorinha e voa à procura de um lugar de pouso e de voo. Essa procura do chão e dos ares leva você ao lugar do feminino. Que lugar é esse? O que você vê nele? Você não consegue voar rápido e nem alto. Nessas condições, você se torna uma presa fácil para os predadores masculinos, pássaros que se alimentam do feminino para existirem como imperadores que mandam no céu e na terra. Você entende que é preciso inventar voos rasantes e sobrevoos para enfrentar os guerreiros do machismo que protegem o imperador na terra prometida e dada aos homens. Como você faz para entrar no lugar do feminino que deseja e permanecer nele com liberdade e esperança? [pausa]. Você voa, voa e quando já está bem cansada percebe o lugar do feminino menina não entra. Como é esse lugar? O que lhe mobiliza para entrar nesse lugar? De repente, você percebe outros lugares do feminino, como faz para entrar neles? Depois de enfrentar as dificuldades do lugar menina não entra, você alcança, nas lonjuras do feminino, os lugares árvore-liberdade e o lugar andorinha-esperança e voa rápido para eles, então, feliz, alimentada, caga no olho do imperador e começa a voar em bando com ajuda dos ventos da sororidade. Como você se sente? Pronto, respire! Você saiu do lugar menina não entra e chegou ao lugar menina entra. Que lugar é esse? O que você encontra nesse lugar? O que você vê? Agora abra os olhos devagar e movimente-se acordando o seu corpo e dando a ele reterritório.

Fonte: Produção das autoras (2020).

Nesse momento, as mulheres copesquisadoras entrecruzaram imagens do lugar menina não entra e dos voos realizados para sua localização na viagem imaginária, com lugares existentes na sociedade e nos quais elas habitam ou tentam habitar. Foram voos de interposição e superposição do esperado e da realidade entregue pelo viver, que, experimentado em uma mesma trajetória, em um mesmo caminhar coletivo, é pessoal e furta da irrealidade imagens que se colam ao real para estilhaçar a consciência, possibilitando uma percepção de si e do lugar de outros modos e mais profundos, porque emerge do inconsciente e do subjetivo.

Enquanto as copesquisadoras eram orientadas a se dirigirem ao lugar do feminino menina não entra, as cofacilitadoras, pessoas que colaboram com a facilitadora para os acontecimentos da roda, organizaram o material a ser utilizado na produção artística: cartografias de afetos do lugar do feminino menina não entra: cartolina, post-its e canetas para escrever, lã para marcar os deslocamentos. Com o material disponível e, em silêncio, de forma individual, as mulheres copesquisadoras cartografaram os conceitos-afetos do lugar feminino menina não entra.

Entrar nesse lugar exigiu luta, não foi fácil abrir portas fechadas e trancadas por dentro e por fora. O medo esteve presente em toda a viagem, muitos foram os momentos em que as copesquisadoras, choraram, ficaram paralisadas diante do horror da violência de toda

natureza a que são submetidas, mas nenhuma delas desistiu, ao contrário, teceram linhas de fuga e fizeram-se a sua própria máquina de guerra (Deleuze; Guattari, 2014).

O conceito de "máquina de guerra", desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, ultrapassa a ideia convencional de aparato militar. Em *Mil Platôs*, os autores apresentam a máquina de guerra como uma forma de organização nômade que se opõe à lógica estatal, operando por linhas de fuga e processos de desterritorialização. Trata-se de uma força criadora, capaz de resistir às estruturas instituídas e de produzir novos modos de existência, seja por meio de movimentos sociais, práticas artísticas ou formas alternativas de vida. A máquina de guerra não se define pela violência, mas por sua potência de transformação.

Dando prosseguimento, foi solicitado às mulheres copesquisadoras que retirassem os calçados e os amarrassem aleatoriamente no espaço reservado para a instalação, a árvore-juazeiro do feminino. Desse modo, chegavam, tiravam o calçado e o amarravam aos galhos da árvore. O calçado ficava pendurado em cordões e pelo cadarço, os que os tinham. Esse dispositivo sociopoético mostrou-se potente para fazer o corpo pensar os problemas da educação para a liberdade, para a esperança nos lugares do feminino na educação escolar e social da menina não entra.

Nesse momento, percebemos que cada mulher copesquisadora entrou nos lugares do feminino literalmente com os pés, mas que também inventou outros modos de acessar lugares que negam a entrada do feminino. A experiência fez emergir as provocações: como cada mulher entrou no lugar do feminino menina não entra? O que a mobilizou para entrar nesse lugar e em outros? Quais são os outros lugares do feminino em que entrou e que lhe incomodou? Quais deslocamentos fez para entrar nesses lugares? Depois que as mulheres copesquisadoras penduraram os seus calçados, sentaram-se em um lugar da roda e escreveram nos *post-its* problemas, conceitos-afetos e devires da viagem imaginária.

Ao final, colaram os *post-its* na parede do fundo da sala onde aconteceu a roda, juntando o seu ao das mulheres que tinham o *post-it* de mesma cor. Após esse movimento, sentaram-se de frente para a parede e, quando todas as mulheres copesquisadoras colaram os *post-its*, leram em silêncio e retiraram deles o que lhes era comum e diferente, cartografando os modos de entrada no lugar do feminino, as mobilizações, os problemas, os conceitos-afetos e os devires. As cartografias foram produzidas utilizando os materiais organizados e disponibilizados pelas cofacilitadoras: cartolinas, canetas, lã e os *post-its* que

cada mulher copesquisadora retirou da parede, formando subgrupos para ligarem as diferenças entre elas na experiência de viverem o lugar do feminino nas relações de gênero. Em seguida, fizeram a socialização dos saberes produzidos na roda.

Resultados e discussões: Os gols do jogo

As respostas ao tema-gerador “qual o lugar do feminino nas relações de gênero?” chegaram como abismos dos quais as mulheres tentam escapar desde que nascem e são reconhecidas como pessoas do gênero feminino: “Menina não entra, porque futebol é coisa de menino”, “menina não entra, porque não sabe jogar, não entende as regras do jogo”, “menina não entra porque é fraca, vai cair, se machucar e chorar”, “menina não entra, porque não consegue correr muito e não vai acompanhar o jogo, não tem preparo físico, cansa logo”, “menina não entra, porque não desejamos meninas entre/com meninos, o que vão pensar dos meninos, afinal, eles são machos!”.

Há, em todas essas expressões, o desejo de impor, pelo comportamento atribuído ao corpo feminino, os limites do não saber e o do não poder. Essas questões, colocadas na prática discursiva, cristalizam as desigualdades entre os gêneros desde a infância, fazem dos meninos imperadores acostumados a serem satisfeitos em suas vontades machistas pelas meninas, que se não forem andorinhas, não conseguem voar.

Sobre discursos como esse, o livro “As Andorinhas” faz a seguinte recomendação: “[...] pois se queres conhecer a liberdade, segue o rastro das andorinhas” (Chiziane, p. 40, 2019). Desde muito cedo, as meninas têm as asas cortadas, os voos interrompidos para inferiorizá-las, para silenciá-las, mas há aquelas que rastejam, voam e alcançam as alturas do céu e cantam, dançam, jogam futebol, engravidam e não engravidam, são como são as andorinhas, livres, pois a liberdade é o viver (Chiziane, 2019).

A escuta sensível (Barbier, 1996) das sensações e emoções da experiência da “Roda Menina não Entra” das mulheres copesquisadoras veio como uma colheita farta de frutos-saberes que amadureceram as reflexões sobre o desafio de trazer essas conexões e de considerar se e como elas ocorrem. Capturamos conceitos-afetos que foram colhidos das enunciações das mulheres copesquisadoras que fizeram parte da Roda. Usamos, para elas, codinomes que emergiram da leitura dos livros “As Andorinhas” e “A Árvore”.

Nessa direção, realizamos a escuta sensível das mulheres a partir das provocações apresentadas anteriormente, e apresentamos parte dos relatos de três delas, organizados para que pudéssemos construir um diálogo com as autoras Chiziane (2019) e Saboya (2011),

mesmo que em alguns momentos tenhamos que dialogar com outras e outros, elas serão as principais referências para este diálogo. Durante a viagem imaginária, perguntamos **como é que você entra no lugar menina não entra**, e a copesquisadora Asas respondeu: “Entro com amor, vestida de questões.” (Copesquisadora Asas, 2019). Quando buscamos esmiuçar quais seriam essas questões, Asas argumentou:

“São aquelas que negam as potencialidades do feminino, que limitam os lugares que a mulher pode ocupar na sociedade, desde a escolha de uma profissão até a decisão [...] de não se casar, de não desejar ter filhos, de não se apresentar sempre muito arrumada, maquiada, de viver em prol de arrumar um marido, que cuide dela. [...], eu sei cuidar de mim, sei o que eu quero para mim e o que me faz feliz. Não será a minha família, a escola, a universidade, a sociedade, enfim, que vai decidir para mim e nem por mim, por isso que eu entrei no lugar menina não entra com amor, porque só o amor, principalmente o amor por nós mesmas, pode nos dar coragem para os enfrentamentos que o feminino tem que encarar todos os dias para que possamos ser uma mulher livre e com esperança (Copesquisadora Asas, 2019)”.

Lins, Machado e Escoura (2016) comentam que, ao pensarmos as relações de gênero, estamos invocando os modos como homens e mulheres constroem a si mesmos, tendo como referências os modelos de ser masculino e de ser feminino que alimentam expectativas sobre o que é ser homem ou o que é ser mulher que são, muitas vezes, reproduções naturalizadas das diferenças entre as masculinidades e as feminilidades, causando, por sua vez, as desigualdades entre os gêneros, produtos históricos, sociais e culturais. A fala de Asas nos arrebatava ao lugar de esperança da mulher manter-se em si mesma, como ser mulher nos seus modos de viver as suas feminilidades, mesmo quando ela reconhece que não é uma luta fácil, é uma luta diária contra uma força social que articula a hierarquia cruel do poder do gênero, especialmente do masculino, que domina essas relações.

A copesquisadora Árvore, por sua vez, imprimiu sentidos e significados pautados na insegurança, enquanto também declarou a sua esperança quando adentra ao lugar do feminino menina não entra. Solicitamos dela que, se fosse possível, aprofundasse para nós a sua incerteza e a sua esperança. Ela, assim, se colocou sobre a sua entrada no lugar do feminino:

“Com muita incerteza, mas com muita esperança. Incerteza, porque nem sempre o feminino consegue entrar nos lugares reservados para o masculino, mesmo quando nós mulheres provamos que temos todas as condições para ocupá-lo. São cargas que o feminino tem carregado, historicamente, por

séculos. É o que o patriarcado fez com as mulheres, são amarras difíceis de serem rompidas, tanto que muitas vezes pagamos com a nossa vida, a luta para entrar nos lugares que não foram pensados para o feminino ou para sair de outros que nos violentam e amordaçam. A minha esperança é que histórias como essa do livro “Menina não Entra” se tornem realidades no mundo, que projetos como o “Literacias” se multipliquem nas universidades, que sejam pautas dos cursos de formação de professoras e de professores discussões como essas (Copesquisadora Árvore, 2019)”.

Escutar o relato da copesquisadora Árvore foi escutar, também, a nós, foi acender o desejo de enfrentar os problemas que o patriarcado deixou como legado, produzindo as incertezas de conseguirmos ocupar os lugares que buscamos sem realçar o masculino. Isso porque, em nós, a competência é diferenciada daquela atribuída ao nosso sexo e é avaliada como se não nos pertencesse, porque foge do estereótipo do feminino, que foi inventado para destituir as mulheres de si, fragilizar o seu autoconceito e duvidar de suas potencialidades, inclusive profissionais.

Nesse sentido, Scott (1995) reitera que as relações de gênero são, também, relações de poder que diferenciam, produzem assimetrias e criam hierarquias mediante os sexos. É preciso que se criem dispositivos para essas discussões, principalmente na escola e na academia.

Seguimos os giros da roda no jogo e registramos respostas/reflexões para a seguinte pergunta: **O que mobilizou você para entrar em outros lugares do feminino?** Asas potencializa, mais uma vez, o seu lugar de fala e comenta: *“Sou mobilizada por uma vontade de viver melhor, de ter e ser liberdade.”* (Asas, 2019). E acrescentou ao se referir à complementação da pergunta já respondida, em quais outros lugares do feminino você entrou? *“Entre nos lugares do feminino que me incomodam e que são todos os que neles eu não posso ser ou que quero ser.”* (Copesquisadora Asas, 2019).

A fala de Asas abala os alicerces carcomidos do patriarcado, mas que não ruíram definitivamente e fazem pensar o quanto o feminino anseia por liberdade nos mais diversos modos de ser mulher. Não é possível negar os avanços, não reconhecer conquistas, mas ainda é preciso liberdade para alçar outros voos, principalmente aqueles que são indispensáveis para o feminino ser quem é, sem necessitar provar e comprovar sua potência, sem passar pelo crivo das masculinidades que mede e rotula o seu corpo, sua sensibilidade, o choro, a maternagem, o útero que gera vida.

Na produção dos saberes do lugar do gênero, surge a pergunta: **que deslocamentos você fez para entrar no lugar do feminino?** O questionamento oportunizou boas falas e desencadeou excelentes reflexões, pois, para a copesquisadora Brilho, por exemplo, o lugar Menina não Entra, “*é um local de difícil ocupação.*” (Copesquisadora Brilho, 2019).

A partir de sua fala, refletimos sobre as dificuldades de ocupar espaços que historicamente não acolhem as mulheres, muitas vezes desqualificando-as antes mesmo de permitir sua entrada, simplesmente por serem mulheres. Reconhecemos como é lento o processo de mudança das persistentes influências do machismo, que frequentemente se disfarça de cuidado, mas perpetua desigualdades de gênero. Compreendemos, consternadas, o quanto é desafiador superar a cultura androcêntrica que ainda tenta restringir as mulheres à esfera privada, enquanto os homens desfrutam de liberdade plena, assumindo posições de comando e autoridade. É preciso que existam andorinhas que caguem no olho dos imperadores (Chiziane, 2019). Essa ação parece ir ao encontro do que mobiliza Brilho, pois ela afirma: “*A minha vontade de fazer algo diferente [me mobiliza].*” (Copesquisadora Brilho, 2019).

O conto “Mutola”, do livro “As Andorinhas”, de Chiziane (2019), conta a história de uma águia capturada ainda pequena por um homem que a educou como galinha e, devido a essa educação, ela agia como galinha. A questão é, será que a águia deixou de ser águia? O que faltava a ela para se reconhecer como águia? No dia em que a águia percebeu a imensidão do céu, ela experimentou o voo e abandonou aquele lugar de negação de si. Fazer algo diferente pode significar se arriscar na amplidão do céu, pois águias e andorinhas são filhas da liberdade (Chiziane, 2019).

A reflexão sobre esse trecho do conto ilumina a arguição da copesquisadora Brilho, quando fortalece o feminino dessa mulher que não aceita a condição de ser/viver um feminino estereotipado e que não cabe em outros diferentes daqueles considerados socialmente e que são re/produzidos historicamente por uma sociedade que enaltece a figura masculina e faz da mulher um apêndice dela. Uma nova jogada desalinha o jogo na afirmativa que segue, da copesquisadora Brilho, quando exige que a mulher aprenda a fazer dribles e a marcar gols no jogo da expulsão do feminino do campo da vida, para delimitar o seu lugar de jogadora, porque outro lugar de difícil entrada é “[...] a universidade, pois, pelo fato de ser mãe, mulher, muitos não acreditam em mim.” (Copesquisadora Brilho, 2019).

O socorro advém de Chiziane (2019, p. 119), acerca do olhar das mulheres sobre outras mulheres que vivem o feminino de diferentes maneiras. Acreditamos que a paráfrase da fala de uma das personagens do conto “Mutola” confirma-se na fala de Brilho, pois da protagonista é cobrado que se dedique àquilo que é considerado como coisas de mulher, e essas são descritas desde os modos de ser feminina, como ter sensualidade, ser prendada, saber fazer enxoval, ser boa cozinheira e ter a qualificação desse fazer doméstico com certificado de uma instituição autorizada a ensinar a cozinhar, assim como a ter boas maneiras para esperar o noivo, com quem deve se casar e fazer filhos, pois é essa a serventia, a utilidade da mulher.

Ao parafrasearmos Chiziane, intencionamos comparar o feminino à árvore-juazeiro do livro de Saboya, pois todos os atributos descritos na paráfrase estão presentes na Árvore e os protagonistas da história, dois meninos nordestinos, Tininho e Zé do Bruno, reconhecem o que ela potencializa para a manutenção da vida das pessoas. Ela oferece uma sombra fresca e amena. Fornece lenha para o fogo, folhas para o chá e para a cama de dormir, frutos para alimento. As sementes funcionam como remédio e pássaros se abrigam em seus galhos (Saboya, 2011). Em outras palavras, essa árvore traz em si o feminino.

A diferença está nas ações de Tininho e Zé do Bruno, que não dizem como a árvore deve ser, apenas reconhecem o seu valor e, ao verem o quanto a árvore oferecia, pedindo quase nada em troca, tiveram medo que algo acontecesse com ela, não por julgá-la frágil, mas importante e indispensável para a vida, e assim a guardam cuidadosamente. Sentem-se felizes por contribuir para a conservação da árvore em vez de destruí-la e começam a sonhar com um futuro ainda melhor para ela. A vida dos meninos é difícil, mas esperançam um horizonte mais promissor que os leva a plantar uma das sementes e a veem germinar (Saboya, 2011). Não serão ações do esperar como essa que as relações de gênero necessitam desde a infância?

No livro “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido”, logo no texto intitulado “Primeiras Palavras”, Freire (2021) fala da esperança, não de um esperar que deita e dorme acreditando que ao acordar a realidade será outra, mas da esperança que se constrói na luta, que desvela o que está posto como verdade contada a partir de uma história única. A esperança do feminino árvore-juazeiro nos faz crenes de que o sonho e a utopia não são inúteis, que sem eles tampouco é possível plantar sementes do amanhã para a existência humana.

Considerações finais: Um intervalo no jogo

Para fazermos um intervalo nesse jogo, no qual não buscamos resultados, mas o aprender a jogar, convocamos homens e mulheres, meninos e meninas a fazerem suas jogadas de modo mais humano, acolhedor, respeitoso, incluso em suas relações de gênero. Formamos um time com o feminino-andorinha e árvore-juazeiro. Esse time sabe fazer jogadas de voo, de pouso, de andar em bandos, de cagar no olho do imperador – o masculino filho do patriarcado.

Acreditamos que o objetivo foi alcançado, pois, ao realizarmos a viagem imaginária com as mulheres copesquisadoras ao lugar do gênero, elas produziram conceitos-afetos que nos aproximaram do seu pensamento e de seus modos de viver o feminino.

A metodologia sociopoética, método de produção do conhecimento de forma coletiva, com o corpo todo, misturando ciência e intuição, utilizando técnicas artísticas, que esteve representada nessa experiência pelas cartografias, foi potente para a produção dos saberes sobre o tema-gerador: o lugar do feminino nas relações de gênero. Esses saberes fomentaram reflexões importantes sobre como as mulheres copesquisadoras se sentem em relação ao feminino nas relações de gênero que vivenciam nos mais diversos espaços sociais de convivência humana.

Os saberes produzidos trazem em si conceitos-afetos ratificadores de que, para entrar no lugar do feminino nas relações de gênero, é necessário amor, coragem, lidar com questões difíceis que exigem o enfrentamento das dificuldades, que impedem a entrada do feminino nos lugares considerados de exclusividade masculina. Para conseguir romper essa barreira, o feminino mobiliza forças em si, como essa de saber que o lugar “menina não entra” é difícil de ocupar, mas ocupa, gerando também uma mobilização vinda da vontade de fazer algo diferente daquilo que é atribuído para o feminino: casar, ter filhos, cuidar da casa, ser uma mulher sempre arrumada, porque assim deve ser o feminino bonito, maquilado, disposto para o masculino apresentar a outros masculinos.

Outro aspecto importante nos saberes produzidos sobre o lugar do feminino é a percepção da universidade como um ambiente que desvaloriza a mulher em seus aspectos reprodutivos, como a gravidez, o parto e a maternidade, essas adjetivações que são consideradas positivas no feminino, mas cuja valorização depende do lugar em que elas são

exigidas. Elas podem ser aceitas na família, mas na empresa, na universidade, na escola podem não ser.

Desse modo, o lugar do feminino nas relações de gênero necessita de educação para a liberdade e para que a esperança potencialize mulheres e meninas transgressoras. Somente uma educação transgressora na escola, na família, na universidade pode mudar a cultura machista de uma sociedade como a brasileira. É esse o convite que deixamos para mulheres, homens, meninas e meninos: que aprendam a jogar o jogo dos gêneros sem inferiorizar, excluir, rotular e um ter que morrer de diferentes modos para que o outro viva e exista.

Referências

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A Sociopoética e os cinco princípios. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa. et al. **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.

ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **Menina Não Entra**. São Paulo: Editora do Brasil, 2006.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998. p. 168-199.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CHIZIANE, Paulina. **As Andorinhas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2019.

COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; TAVARES, Fabíola Barrocas [et al.] (org.). **Círculo de cultura sociopoético**: diálogos com Paulo Freire sempre! [recurso eletrônico]. Fortaleza: EdUECE, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 5. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. – 28ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forence, 1986.

GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento**: Metodologia de pesquisa sociopoéticas e estudos transculturais. Curitiba, PR: CRV, 2012.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer futebol e gênero**. 2003. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

PETIT, Sandra Haidée. Sociopoética: Potencializando a Dimensão Poiética da Pesquisa. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa et al. (org.). **Tudo o que não inventamos é falso**: dispositivos Artísticos para pesquisar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUCERE, 2014. p. 20-39.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 09 jun. 2024.

SABOYA, Yacy. **A Árvore**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2011.

WENETZ, Ileana. **Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio**. 2005. 203f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

Sobre as autoras

Maria Dolores dos Santos Vieira

Doutora e mestra em Educação, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e licenciada em Pedagogia. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) do Centro de Ciências da Educação (CCE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa “Educação, Gênero e Cidadania” (NEPEGEI), Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Neurociências e Educação e do Observatório de Juventudes e Violência na Escola (OBJUVE).

E-mail: mariadolores@ufpi.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0528-2759>

Duana Ravena dos Santos Vieira

Mestra em Letras, especialista em Gestão Escolar e Educacional. Diretora de Desenvolvimento Educacional e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Avançado Carolina. Membro do Comitê de Relações

Internacionais do IFMA. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa de Espanhol como Língua Estrangeira - NUPELE/IFRN.

E-mail: duana.vieira@ifma.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2564-5705>

Recebido em: 03/09/2024

Aceito para publicação em: 21/02/2025